

## CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS URBANAS EM EÇA DE QUEIROZ\*

Luciana Nascimento (UFRJ)

**Resumo:** Literatura e História partilham de experiências e territórios comuns, pois ambos os campos de conhecimento constituem narrativas que apresentam versões dos fatos, tendo como referência a realidade. Nesse sentido, enquanto a História pretende ocupar o lugar do próprio passado, recriando as formas de representar o mundo de outrem numa determinada época, a Literatura narra aquilo que poderia ter ocorrido, ainda que às vezes possa ser utilizada como fonte histórica.

As relações entre Literatura e cidade desenvolveram-se ao final do século XIX, com o processo de urbanização iniciado na Europa e que logo foi absorvido como modelo em outras partes do mundo. Esse fenômeno, captado pelos discursos político e artístico, conferiu à cidade o *status* de *locus* do mundo moderno. Dessa forma, as cidades são imortalizadas por vários escritores: Charles Baudelaire recria a Paris do século XIX, Londres é tematizada por Dickens e Buenos Aires por Borges, enquanto o Rio de Janeiro é encenado na literatura de Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto. Nesse rumo, também Lisboa se inscreve na ficção de autores como Eça de Queiroz. Neste trabalho, pretende-se tecer algumas considerações acerca das representações dessa cidade na obra do autor português, buscando-se evidenciar os espaços da urbe como marcas da memória e da cultura.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, século XIX, modernidade, cidade.

**Abstract:** Literature and History share common experiences and territories since both fields produce narratives that present a version of the facts having reality as a point of reference.. In this aspect, while History intends to occupy the place of past itself by recreating the forms of representing other people's world in a specific period, Literature, despite its possibility to be used as a historical source, tells us what could have happened. The relations between Literature and city developed in the end of the 19<sup>th</sup> century with the urbanization process triggered in Europe, which was soon absorbed as a model by other nations. This phenomenon, captured by political and artistic discourses, gave cities the status of modern world locus. As a consequence, cities are immortalized by writers: Charles Baudelaire writes the 19<sup>th</sup> century Paris; London is thematized by Dickens; Buenos Aires by Borges; Rio de Janeiro is performed in the literature of Machado de Assis, João do Rio and Lima Barreto; and Lisbon is inscribed in Eça de Queiroz' fiction. This work intends to draw some considerations about city representation in Eça de Queiroz' work so as to present evidences of the urban spaces as traits of memory and culture.

Key Words: Portuguese Literature, 19<sup>th</sup> century, modernity, city.

## I. INTRODUÇÃO

---

\* Este trabalho constitui um recorte do projeto “Cartografias urbanas: centros e margens”, financiado por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq / PQ2) e desenvolvido por Luciana Nascimento (docente do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro). O presente trabalho foi originalmente apresentado sob a forma de Comunicação Oral, no V Congresso Norte-Nordeste da ABRAPLIP- Associação Brasileira de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa, realizado na Universidade Federal do Piauí, no período de 06 a 08 de outubro de 2014.

Em *Cidades invisíveis*, de Italo Calvino, o narrador Marco Polo relata a Kublai Khan, imperador dos tártaros, as cidades que ele constrói com sua memória-signo. Descrevendo Zaíra, Polo traça uma espécie de cartografia urbana, ao delinear as ruas, os degraus, os pórticos e as lâminas de zinco dos tetos. Contudo, para além das descrições físicas, o navegante afirma que “a cidade não é feita disso, mas de relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até o lampião, (...) o percurso do cortejo nupcial da rainha; (...) e o salto do adúltero que foge de madrugada.” Ou seja, a cidade contém as histórias e tradições de seu povo, cujas marcas estão contidas “nos ângulos retos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” (CALVINO, 2003, p.15-16).

Nesse sentido, as cidades – sejam elas imaginadas, sonhadas, reais ou reinventadas na arte e na literatura – equivalem a textos cuja leitura pode ser realizada tanto pelo caminhante cotidiano como pelo literato. Hoje é possível observar que, ao final do século XIX, as relações entre cidade, literatura e modernidade se estreitaram e produziram profícuas reflexões sobre as novas formas de sociabilidade ensejadas pela urbe moderna nos contextos francês e inglês, cujo modelo de urbanização foi rapidamente absorvido por outros países. A urbe moderna foi captada pelos discursos político e artístico, tornando-se, assim, o *locus* do mundo contemporâneo. Dessa forma, as cidades foram immortalizadas pela pena de escritores como Charles Baudelaire, que escreve a Paris do século XIX; Dickens, que tematiza Londres; ou Borges que recria sua amada Buenos Aires. Lisboa também se inscreve na ficção de Eça de Queiroz e na poesia de Cesário Verde, enquanto a cidade do Rio de Janeiro é encenada na literatura de Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto, dentre outros. De acordo com Brito Broca, ao serem apreendidas pelo discurso literário, as cidades desenvolvem uma certa mitologia:

O que constitui o principal atrativo de uma cidade é o que poderemos chamar [de] seu mito. Paris, Londres, Roma, Lisboa, Madri e tantas outras urbes do velho mundo possuem todas uma mitologia e é a literatura que as cria. São os romances, os poemas, a história numa sedimentação profunda de impressões e reminiscências que formam (...) a superestrutura mitológica das cidades. (BROCA, 1993, p. 55).

A partir do século XIX, quando ocorre uma intensificação nunca vista no processo de industrialização e uma enorme explosão urbana na Europa, a cidade se destaca como palco de lutas e como fonte de ideias, de inovação, de paixão, de violência, de fascinação e de medo. Todas essas sensações puderam ser apreendidas por seus habitantes fossem eles poetas, escritores, políticos ou cidadãos comuns. A cidade emerge como tema literário. O espaço urbano passa a ser recorrentemente captado e reinventado pelo discurso ficcional. Dessa forma, pode-se observar que, na dicção literária, os espaços da cidade não figuram como mero acaso, mas fazem parte de uma consciência crítica, de

um exercício de leitura e escrita do lugar onde se habita e se vivenciam as múltiplas experiências. Destarte, pode-se perceber o fascínio da cidade sobre os intelectuais, pois ela traz consigo um modo de estar no mundo, definindo espaços na sociedade e demarcando o lugar de onde se fala. A urbanização e a invenção da cidade moderna exerceram tal papel sobre os literatos, que levou à criação de novas sociabilidades, pois a urbe tornou-se um cenário intenso, conflituoso e contraditório, deixando de ser apenas um tema na literatura para se tornar seu personagem principal. Ao estudar a modernidade literária de Baudelaire, Benjamin afirma que a cidade emerge das páginas de livros, revistas e jornais, ensejando a voga da literatura panorâmica:

Um gênero literário específico faz as suas primeiras tentativas de orientação. É a literatura panorâmica. O Livro dos Cento e Um, Os Franceses Pintados por Si Próprios, O Diabo em Paris, A Grande Cidade merecem na capital, e na mesma época, a atenção concedida aos “panoramas”. Nesses livros encontramos esboços que, por assim dizer, imitam com o seu estilo episódico o primeiro plano, mais plástico, e com o seu fundo informativo o segundo plano, mais amplo, dos “panoramas”. Numerosos autores contribuíram para esses repertórios. Tais coletâneas são uma manifestação daquele mesmo tipo de trabalho literário a que Girardin abriu as portas no suplemento cultural dos jornais. Eram o traje de salão de um tipo de escrita por natureza destinada a ser consumida nas ruas. Nesse gênero tinham um lugar de destaque os fascículos, em formato de bolso, a que se chamava “fisiologias”. Ocupavam-se da descrição de tipos humanos como aqueles que se encontravam quando se observava o mercado. Do vendedor ambulante dos *boulevards* até aos elegantes no *foyer* da Ópera, não havia figura da vida parisiense que escapasse à pena do fisiologista. A grande época do gênero é a dos começos da década de quarenta. É a alta escola do suplemento literário, pela qual passou a geração de Baudelaire.  
[...] As fisiologias nunca ultrapassavam um horizonte muito limitado. Depois de se terem ocupado dos tipos humanos, foi a vez das fisiologias da cidade. Começaram a aparecer publicações com títulos como Paris à Noite, Paris à Mesa, Paris na Água, Paris a Cavallo, Paris Pitoresca, Paris casada. (BENJAMIN, 1994, p. 38-40).

A cidade instaurou, portanto, novas formas de sociabilidade. Nesse caso, é importante destacar que Paris, Rio de Janeiro e Lisboa<sup>1</sup> constituem cidades de tal forma criadas e recriadas pela arte e pela literatura que podemos traçar percursos literários no espaço urbano moderno, recuperando a memória de seus lugares. Richard Sennet destaca que, com o desenvolvimento urbano, ocorreram profundas modificações no comportamento e nos domínios das vidas pública e privada. A nova ordem da sociedade instaurou e promoveu um outro modo de se estar em público (SENNET, 1999, p. 38-40). Assim sendo, a este trabalho interessa estudar os espaços lisboetas captados por Eça de Queiroz (ruas, monumentos, edificações) como caracterizadores do espaço narrativo em seus aspectos social, econômico e histórico.

---

<sup>1</sup> O tema “Literatura e cidade” vem sendo por nós pesquisado há alguns anos, nos âmbitos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, com destaque para a análise de temas que envolvem Belo Horizonte, Paris, Viena e Rio de Janeiro.

## II. CARTOGRAFIAS DE EÇA NA LISBOA DO SÉCULO XIX

O contexto sociocultural dos percursos urbanos empreendidos pelos personagens queirosianos é parte da visão de Eça sobre as transformações políticas e econômicas de seu tempo. Sabe-se que, a partir de 1820 e em terras lusitanas, houve a chamada Revolução Liberal, com embate rijo entre conservadores e liberais. Contudo, efetivamente, os liberais se revelaram conservadores e, mesmo havendo as grandes revoltas camponesas do período que antecedeu a famosa Revolução (TENGARRINHA, 2000. p. 202), houve uma adaptação entre as classes burguesas e as classes feudais:

As novas dinâmicas da intervenção popular após as Invasões, na sequência das linhas de contestação rural desde o último quartel do século XVIII, dão argumentos aos que defendem a necessidade inadiável de reformas e tornam mais nítidas as clivagens no campo liberal, após a Revolução. (TENGARRINHA, 2000.p.216)

Todos esses movimentos culminaram, a partir de 1851, no Período da Regeneração, o qual se caracterizou pela alternância de dois partidos no poder durante 40 anos, o que foi efetivamente realizado após um golpe de Estado, no qual Saldanha assume o poder apoiado por liberais e conservadores, o que implica o fracasso definitivo dos partidários do absolutismo miguelista.

As narrativas de Eça de Queiroz nos apontam as diretrizes do pensamento da Geração de 70, no que concerne à ação do intelectual na sociedade, em cujas linhas podemos perceber que o país constitui a personagem principal, sendo que a nação portuguesa é problematizada em seus aspectos sócio-político-culturais. Em suas mais diversas cartografias urbanas, sejam elas de Paris ou de Lisboa, Eça tematiza os espaços públicos e suas relações com a história e com a memória, como é o caso da referência à “triste estátua de Camões” e ao Chiado, como emblemas de uma tradição, em uma cena de *Os Maias*:

Estavam no Loreto; e Carlos parara, olhando, reentrando na intimidade d'aquelle velho coração da capital. Nada mudára. A mesma sentinella somnolenta rondava em torno á estatua triste de Camões. Os mesmos reposteiros vermelhos, com braços ecclesiasticos, pendiam nas portas das duas igrejas. O Hotel Alliance conservava o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo sol dourava o lagedo; batedores de chapéo á faia fustigavam as pilecas; três varinas, de canastra á cabeça, meneavam os quadris, fortes e ageis na plena luz. A uma esquina, vadios em farrapos fumavam; e na esquina defronte, na Havaneza, fumavam também outros vadios, de sobrecasaca, politicando.

- Isto é horrível quando se vem de fóra! exclamou Carlos. Não é a cidade, é a gente. Uma gente feiíssima, encardida, mollenga, reles, amarellada, acabrunhada!...

- Todavia Lisboa faz differença, affirmou Ega, muito sério. Oh, faz muita differença! Has de vêr a Avenida... Antes do Ramalhete vamos dar uma volta á Avenida.

Foram descendo o Chiado. Do outro tado os toldos das lojas estendiam no chão uma sombra forte e dentada. E Carlos reconhecia, encostados ás mesmas portas, sujeitos que lá deixára havia dez annos, já assim encostados, já assim melancolicos. Tinham rugas, tinham brancas. Mas lá estacionavam ainda, apagados e murchos, rente das mesmas humbreiras, com collarinhos á moda. (QUEIROZ, 1969, p. 280).

A imagem de Camões é evocada na cena como símbolo cristalizado de um passado glorioso e de um presente mergulhado na decadência, ou seja, trata-se de algo equivalente à imagem de Camões em “épico de outrora”, presente na poesia de Cesário Verde. O olhar de Carlos é o que vê uma Lisboa caminhando a “passos lentos” e Eça pondera acerca do desenvolvimento da cidade, não a percebendo a partir do modelo francês, mas considerando suas peculiaridades.

O espaço urbano, na ficção de Eça, pode ser visto como um elemento de profunda reflexão sobre a questão sociopolítica do país: “o que um pequeno número de jornalistas, de políticos, de banqueiros, de mundanos decide no Chiado que Portugal seja - é o que Portugal é” (1976, p. 820). Eis a súplica do Portugal do século XIX, na visão de Eça, como se pode observar nas palavras de Eça, personagem de *Os Maias*: “Lisboa é Portugal - gritou o outro. - Fora de Lisboa não há nada. O país está todo entre a Arcada e S. Bento!” (QUEIROZ, 1969, p. 170). Seguindo um traçado que vai da Arcada (Terreiro do Paço e Praça do Comércio) – sede da Monarquia – até ao Palácio de São Bento – sede do Regime Constitucionalista –, pode-se observar uma cartografia urbana que nos revela muito do projeto estético-político de Eça, ao tematizar o Portugal de seu tempo.

Como bem evocou Cesário Verde, em “Sentimento dum Ocidental”, “Na parte que abateu no terremoto,/ Muram-me as construções rectas, iguais, crescidas;/ Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas” (VERDE, 1995, p. 97). Noutras palavras, é na Baixa Pombalina que o “século XIX português se gerou, num parto catastrófico” (FRANÇA, 1980, p.10). Após o terremoto de 1755, em Lisboa, o planejamento da parte central de Lisboa (1758-1763) foi desenhado, a partir da intervenção de Pombal, primeiro ministro de D. José I. O que, então, anunciava-se como novo, em termos de traçado urbano, um século depois, na ficção de Eça, torna-se sinônimo de degradação e conservadorismo, reduto da pequena burguesia constitucionalista, onde se desenrola um importante núcleo da narrativa de *O primo Basílio*:

O Primo Basílio apresenta, sobretudo, um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa: a senhora sentimental, mal educada, nem espiritual (porque cristianismo já a não tem; sanção moral da justiça, não sabe a que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc. etc. - enfim, a burguesinha da Baixa. (*O Primo Basílio*. Carta a Teófilo Braga. New Castle, 11/03/1878. In: QUEIROZ, 2008, p.311).

De acordo com Monica Simas, no texto “Um monóculo perdido em Lisboa”, em *O primo Basílio*, Eça cartografa Lisboa em seus diversos aspectos, mostrando as visões sobre a cidade, tanto na ótica de um sujeito cosmopolita, como Basílio, como na ótica de personagens conservadores, como o Conselheiro Acácio e o Engenheiro Jorge:

Em *O primo Basílio*, Basílio sai de Lisboa para o Brasil e para o mundo e Jorge para o Alentejo. São viagens concretas, na ficção, diferentes das viagens dos sonhos e dos desejos que movimentam Luísa. Luísa viaja por Veneza, Escócia e, principalmente, por Paris. Viagens feitas nas cidades de letras construídas pelos romances românticos. No jogo da sedução, Basílio a envolve com “os deslumbramentos das suas viagens”, encenando a imagem de um mundo diferente daquele cotidiano lisboeta, vivido por Luísa. No entanto, sua imagem é ambígua. Ao mesmo tempo em que é outro — por trazer em si as marcas de Paris —, é também o mesmo, ou seja, traz uma imagem de Paris já filtrada anteriormente pelas lentes lisboetas. É a partir de Lisboa que Basílio conhece outras cidades. A “crônica da sua mocidade” revela o olhar lisboeta do “pândego” que “passara metodicamente por todos os episódios clássicos da estroinice”. Por isso, no encontro de Luísa com Basílio, este não consegue o contato com o “mundo outro”. Apenas na aparência, ao nível da superfície, Basílio é portador de um imaginário outro, espelhando, inclusive, em seu “francesismo”, uma visibilidade da cidade de Lisboa, apenas enquanto lugar de ausência. Por outro lado, Eça engendra um olhar, através do caricato conselheiro, de exagerada admiração e patriotismo exacerbado. Para o conselheiro, Lisboa é “uma das mais belas da Europa”, um “grande panorama”. Porém, em sua visão, o emaranhado humano lisboeta não condiz com a grandeza da cidade. “— Isto devia estar nas mãos dos ingleses, minha senhora! — exclamou. Mas arrependendo-se logo daquela frase impatriótica, jurou “era maneira de dizer”. (SIMAS, 1999, p. 26)

Eça faz diversas referências à Baixa Pombalina e seus espaços públicos, como Arcada, Praça do Comércio, Rossio, Passeio Público, dentre outros. Tais espaços figuram na narrativa como os locais de passeio que o Conselheiro Acácio e Luísa fazem pelo centro da cidade. O Rossio, situado na região central de Lisboa, é uma praça localizada na região da Baixa Pombalina, sendo esse um dos espaços recorrentes da ficção queirosiana, o qual metaforiza um passado glorioso e um momento (segunda metade do século XIX) de decadência da nação portuguesa. O Rossio, cuja calçada foi feita em 1848, com revestimento de pedras, desenhos de ondas nas cores branca e preta, em alusão ao período das Grandes Navegações marítimas empreendidas nos séculos XV e XVI, calçamento este que foi denominado de “mar largo”<sup>2</sup>.

Em *O primo Basílio*, destacamos o seguinte fragmento, em que Luísa, Dona Felicidade e Basílio flanam pela cidade. Tal fragmento ilustra a reflexão de Eça sobre a decadência da sociedade portuguesa de então. Podemos observar essa decadência nas alusões ao Rossio, logradouro central da capital, e à estátua de D. Pedro IV, em cuja memória brônzea Eça identifica o constitucionalismo que não prosperou, pois, no Rossio

sob as árvores, passeava-se; pelos bancos, gente imóvel parecia dormir; aqui e além pontas de cigarro reluziam; sujeitos passavam, com o chapéu na mão, abanando-se, o colete desabotoado; a cada canto se apregoava água fresca do Arsenal; em torno do largo, carruagens descobertas rodavam vagarosamente. O céu abafava - e na noite escura, a coluna da estátua de D. Pedro tinha o tom baço e pálido de uma vela de estearina colossal e apagada. (QUEIROZ, 2008, p. 311)

<sup>2</sup> Um exemplar desse piso pode ser encontrado no calçadão da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro: seu desenho e a maneira de assentar as “pedras portuguesas” foram popularizados pelos emigrantes portugueses, mais tarde, por todo o Brasil.

O urbanismo moderno de modelo francês engendrou novas sociabilidades, a partir da frequência aos espaços públicos, como os cafés, os teatros e o *footing* das classes aburguesadas. Na narrativa de *O primo Basílio*, um espaço público em que é imperativa a frequência tanto da nobreza quanto da burguesia é o Teatro de S. Carlos, local de exibição, de ver e de ser visto. Ele foi criado em 1793, no centro da nova cidade burguesa, no atual Largo do Chiado, como um teatro da corte para a fruição das classes abastadas. Citamos um fragmento de *O primo Basílio*:

– Podiam ir a S. Carlos, que acaba mais tarde. . . É o Fausto [...].Eu vou buscar o camarote. Uma boa frisa, hem? . . . Uma frisazinha ao pé do palco. De que lado era a frisa? Dezoito. Perdiam a vista da família real, era pena!...

[...]

Passava das oito horas quando o trem parou em S. Carlos. Um gaiato, que tossia muito, com o casaco pregado sobre o peito por um alfinete, precipitou-se a abrir a portinhola; e D. Felicidade sorria de contentamento, sentindo a cauda do vestido de seda arrastar sobre o tapete esfiado, do corredor das frisas. [...] Tinham desenhado, com um charuto apagado sobre a parede caiada, enormes figuras obscenas; e alguém [...] ajuntara por baixo as designações sexuais com a boa letra cursiva. E Jorge revoltado:

– Isto só em Portugal!...[...]

Acrescentou com bonomia: - São rapazes, com o charuto. Apreciam muito esta distração... E sorrindo, recordando-se:

– Uma ocasião mesmo, o conde de Vila Rica, que tem graça, insistiu comigo, dando-me o charuto, para que eu fizesse um desenho. Acrescentou com bonomia: - São rapazes, com o charuto. Apreciam muito esta distração... E sorrindo, recordando-se:

- Tomei o charuto e escrevi com mão firme: HONRA AO MÉRITO!

Na plateia, nas bancadas clareadas, sujeitos quase deitados namoravam com languidez; [...] D. Felicidade interessava-se por duas espanholas de verde, que na parte superior imobilizavam, numa afetação casta, os seus corpos de lupanar. [...]

–Veio, apenas o pano desceu; e felicitou-as imediatamente por terem escolhido aquela noite: a ópera era das melhores e estava gente muito fina. Lamentou ter perdido o primeiro acto; - ainda que não gostasse extremamente da música, apreciava-o por ser muito filosófico. E, tomando da mão de Luísa o binóculo, explicou os camarotes, disse os títulos, citou as herdeiras ricas, nomeou os deputados, apontou os literatos.

– Ah! Conhecia bem S. Carlos! Havia dezoito anos! (QUEIROZ, 2008, p. 110)

Georg Simmel (1976) apontou que, em fins do século XIX e a partir da emergência do urbano, houve grandes mudanças nas sensibilidades e no imaginário social, com a adoção de novos hábitos e costumes diante da consolidação do fenômeno das cidades modernas. De acordo com Simmel, a experiência dos sujeitos modernos implica a formação de uma nova imagem de si e do outro, a partir de uma reorganização do olhar diante de uma multidão anônima, esvaziada de identidade, que é, ao mesmo tempo, temível e sedutora. É, portanto, a cidade como laboratório de novas formas sociais, fonte de paixão, violência e revolta que vai encenar o progresso e a modernidade, tornando seus habitantes, segundo Richard Sennet (1999, p. 95), “atores de um tipo muito particular.” A frequência às ruas e o *footing* das classes aburguesadas transforma a rua em uma vitrine, onde as pessoas buscam se exhibir, demarcando seus lugares na sociedade. Assim, o Passeio Público representava um espaço de sociabilidade e lazer e, tendo sido um lugar da Lisboa burguesa e aristocrática, transformava-se também

em parte de uma cidade popular em vias de pequeno-aburguesamento. Juliana, a governanta de Luísa que é personagem de *O primo Basílio*, tinha como entretenimento ir ao Passeio Público aos domingos: “A sua alegria era ir aos domingos para o Passeio Público, e ali, com a orla do vestido erguida, a cara sob o guarda-solinho de seda, estar a tarde inteira na poeira, no calor, imóvel, feliz – a mostrar, a expor o pé”. (QUEIROZ, 2008, p. 178)

Jorge também define sua vida sentimental no Passeio Público: “Decidiu casar. Conheceu Luísa, no verão, à noite, no Passeio, apaixonando-se pelos seus cabelos louros, pela sua maneira de andar, pelos seus olhos castanhos muito grandes. No inverno seguinte foi despachado e casou.” (QUEIROZ, 2008, p. 56)

Os hábitos de convívio urbano adquiriram um aspecto novo: a burguesia descia à rua, afluíam pessoas que estavam florescendo nos negócios, funcionários que se esforçavam por mostrar as aparências e as senhoras adquiriam novos hábitos, dentre os quais se destacavam a leitura mais frequente e o passeio, que ainda há pouco lhes eram vedados:

Tinham estado domingo no Passeio, ela e D. Felicidade, tinham esperado vê-lo e nada! Nunca ia ao Passeio, ao domingo - declarou. Reconhecia que era muito agradável, mas a multidão entontecia-o. Tinha notado que muita gente num local causa vertigens aos homens de estudo. De resto queixou-se da sua saúde e do peso dos seus trabalhos. Andava compilando um livro e usando as águas de Vichy.

[...]

Basílio soprou o fumo do charuto, e declarou muito reclinado:

- O passeio ao domingo é simplesmente idiota!... O Conselheiro refletiu e respondeu: — Não serei tão severo, Sr. Brito! — Mas parecia-lhe que com efeito antigamente era uma diversão mais agradável. — Em primeiro lugar — exclamou com muita convicção, endireitando-se — nada, mas nada, absolutamente nada pode substituir a charanga da Armada! — Além disso havia a questão dos preços... Ah! Tinha estudado muito o assunto! Os preços diminutos favoreciam a aglomeração das classes subalternas... Que longe do seu pensamento lançar desdouro nessa parte da população... As suas ideias liberais eram bem conhecidas. — Apelo para a senhora D. Luísa! — disse. — Mas enfim, sempre era mais agradável encontrar uma roda escolhida! E quanto a si nunca ia ao Passeio. Talvez não acreditassem, mas nem mesmo quando havia fogo de vistas! Nesses dias, sim, ia ver por fora das grades. Não por economia! Decerto não. Não era rico, mas podia fazer face a essa contribuição diminuta. Mas é que receava os acidentes! É que os receava muito! (QUEIROZ, 2008, p. 152-153)

É possível, ainda, observarmos outros espaços nas obras de Eça: Chiado, Ramalhete, Rua Nova de Almada, Rua do Alecrim, Teatro Trindade e os cafés. Contudo, o mais importante a se destacar é que a cidade como texto se oferece a muitas leituras, expressando as vivências da modernidade, numa tensa relação entre Portugal e o modelo parisiense o que, de acordo com Monica Simas, caracteriza uma

ausência de signos que constituem o esplendor da chamada “vida civilizada”- tão contraditória quanto parisiense -, vivida em Lisboa como uma ausência incurável, como uma falta apenas suportável em cidades sabidamente periféricas. Mas não é este

o caso de Lisboa. Sua posição no contexto da moderna Europa é, antes, a de um “estar entre”, é a de ocupação de um entre lugar, um estado limite entre centro e periferia. (SIMAS, 1999, p. 35)

Também assim pensamos: em nossa tese de Doutorado sobre a modernidade em Cesário Verde, intitulada entre “Entre Paris e Lisboa” (NASCIMENTO, 2003), defendemos que essa seria a melhor forma de nos referirmos à modernidade portuguesa.

## II. Referências

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 3).

BROCA, J. Brito. *Teatro das letras*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Trad. Mariza Romero. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANÇA, José-Augusto. Perspectiva artística da história do século XIX português. *Análise Social*, Lisboa, n. 61, p. 9-27, 1980.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. *Entre Paris e Lisboa: a modernidade de Cesário Verde*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003. Orientadora: Vilma Sant’Anna Arêas.

QUEIROZ, Eça de. O francesismo. In: \_\_\_\_\_. *Últimas páginas*. Porto: Lello & Irmão. 1976. v.2, p. 820. (Obras de Eça de Queiroz).

\_\_\_\_\_. *Os Maias: episódios de uma vida romântica*. Fixação do. Lisboa: Livros do Brasil, s/d. p.170) .

\_\_\_\_\_. *O primo Basílio*. São Paulo: Nobel, 2008.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIMAS, Monica. Um monóculo perdido em Lisboa: a cidade em Eça de Queirós. *Semear* (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 3, p. 23-35, 1999.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

TENGARRINHA, José. *História de Portugal*. São Paulo: EDUSC; ED.UNESP, 2000.

VERDE, Cesário. *O Livro de Cesário Verde*. Lisboa: Ulisséia, 1995.